

SEM LIMITES, SEM VERGONHA

tradução do alemão e notas Gilda Lopes Encarnação

ORFEU
NEGRO

May Ayim

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO
DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO
E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



TÍTULO ORIGINAL

Grenzenlos und unverschämt

AUTORA

May Ayim

TRADUÇÃO

Gilda Lopes Encarnação

REVISÃO

Ana Pinto Mendes

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

FOTOGRAFIA CAPA E CONTRACAPA

May Ayim em Belo Horizonte, Brasil, 1990 © D. Schultz

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide — Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2021 UNRAST Verlag

© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Fevereiro 2026

DL 559536/26

ISBN 978-989-9225-46-6

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

- 7 **Prefácio**
Josephine Apraku

SEM LIMITES, SEM VERGONHA

- 13 **Uma carta de Münster**
- 19 **Pôr-se a caminho**
- 31 **Conversa entre três mulheres afro-alemãs**
- 67 **Queremos sair do isolamento**
- 73 **Semifrio *à la* Hildegard**
Para uma pequena festa ou sem motivo especial
- 79 **Sentimento de não-pertença**
- 91 **Etnocentrismo e papéis de género estereotipados**
na terapia da fala
- 117 ***As Gémeas no Colégio***
Formação numa profissão feminina
- 133 **O ano de 1990**
Terra natal e unidade sob uma perspectiva afro-alemã
- 157 **À raiva das mulheres negras devia corresponder**
a indignação das mulheres brancas
Uma conversa

167	Stress branco e sangue-frio negro O racismo como factor de <i>stress</i>
201	Racismo e opressão na Alemanha reunificada
211	A minoria afro-alemã
243	Blues a preto e branco: May Ayim (1960-1996) Silke Mertins
273	May Ayim: um <i>curriculum vitae</i>
281	Fontes bibliográficas
285	Bibliografia

SEM LIMITES, SEM VERGONHA

UMA CARTA DE MÜNSTER

Em 1984, teve lugar, em Frankfurt am Main, o Primeiro Congresso de Mulheres Alemãs e Estrangeiras. O congresso aglutinou cerca de um milhar de mulheres em torno do mote «Seremos assim tão diferentes umas das outras?» Uma jovem mulher chamada May Opitz viajou de Münster até Frankfurt, a fim de participar no evento. Quando este terminou, as organizadoras receberam a seguinte carta escrita por ela:

Caras organizadoras do congresso,

O relato sucinto que seguidamente vos apresento acerca do fim-de-semana passado em Frankfurt é não só dirigido ao vosso comité, mas sobretudo a mim própria. O congresso enquanto lugar de encontro e de partilha entre mulheres alemãs e estrangeiras foi, no meu caso particular, um inesperado ponto de viragem na minha vida: eclodiram, em mim, de uma forma repentina, muitos conflitos que eu insistia em ignorar até então ou que tinha recalçado até, imputando-os à minha hipersensibilidade individual.

Parti em direcção a Frankfurt acalentando sentimentos bastante ambíguos. Nunca tendo estado anteriormente num encontro de mulheres, nunca tinha dado especial importância aos temas feministas, nem conhecia o programa exacto do congresso. Como

não consegui encontrar, em Münster, nenhuma mulher interessada em assistir ao congresso, decidi recorrer à central de transportes partilhados, acompanhada do sentimento difuso de me preparar para naufragar na enorme cidade de Frankfurt, onde nunca tinha estado. Contudo, uma vez chegada a Frankfurt, encontrei sem dificuldade o Instituto Superior Técnico e vi-me rodeada de dezenas de mulheres que se preparavam, como eu, para participar no congresso.

Quando entrei no edifício, fiquei absolutamente estupefacta com o número de mulheres que lá se encontrava! Eram centenas, sentadas ou de pé, falando ou comendo. Uma atmosfera indescritível, uma profusão de cor e simpatia! Não faltava informação para quem precisava de alojamento, programas, em vários idiomas, com a estrutura do congresso, bem como comida e bebida em várias mesas espalhadas pelo edifício. Apesar de, ao princípio, não conhecer ninguém, sentia-me em total segurança. Era fácil entrar em contacto com as pessoas.

Achei impressionante que as participantes fossem recebidas em várias línguas e que as primeiras intervenções fossem tão diferenciadas e, ao mesmo tempo, me falassem directamente ao coração. Em cada uma das comunicações eu via também reflectida uma parte da minha própria experiência, da minha esperança e do meu desalento. Embora não tivesse lido ainda o programa e só conhecesse o seu mote, tinha a sensação de me encontrar no lugar certo e de ter acalentado há muito tempo a esperança secreta de poder vir, um dia, a assistir a um encontro daquele género.

*

Para que compreendam melhor as minhas palavras, tenho de contar algo sobre a minha pessoa. Nasci na Alemanha, o meu pai é do Gana, a minha mãe é alemã. Não tenho contacto com a minha mãe e conheço o meu pai de modo apenas superficial, de algumas cartas que recebi e de um encontro pessoal que se deu há dois anos e que se revelou bastante conflituoso. Tivemos dois meses para nos conhecermos.

Assim que nasci, fui enviada para um orfanato, tendo sido depois adoptada por uma família alemã aos dezoito meses de idade. Olhando retrospectivamente, torna-se-me hoje evidente que a minha história no seio desta família consistiu numa gradual e recíproca alienação, baseada em incompreensão, falta de diálogo e agressividade tácita ou explícita. Tudo isso contribuiu para que eu, ao terminar o ensino secundário em 1979, cortasse, num primeiro momento, todo e qualquer contacto com os meus pais e irmãos adoptivos, durante três anos. O contacto começa a ressurgir neste momento, mas apenas de forma esporádica e muito superficial.

Esta clivagem entre pertencer ou não pertencer a algo ou a alguém, entre a minha pessoa e a «minha» família adoptiva, entre a minha pessoa e a minha «família» africana encontra-se também simbolicamente representada no paradoxo que é ser uma pessoa de pele escura e possuir, ao mesmo tempo, um passaporte alemão.

Na realidade, não precisaríamos nem deveríamos dar nenhuma importância a aspectos meramente formais e exteriores. No entanto, foi somente durante o fim-de-semana do congresso que me dei realmente conta do significado que a aparente incompatibilidade entre cor de pele e nacionalidade transporta para o

plano da descoberta da minha identidade, tendo eu crescido numa sociedade que dá a maior importância a aspectos exteriores que se destacam ou destoam: a minha socialização correspondeu à de uma jovem «alemã» num ambiente alemão (a minha família nunca teve, nem tem, contacto com pessoas estrangeiras). Posso um nome alemão e, graças ao meu passaporte alemão, «desfruto» dos privilégios que uma alemã detém na qualidade de «cidadã nacional». Não falo nenhuma língua africana, nunca estive na terra natal do meu pai, em suma, não sou estrangeira. Não faz sentido, para mim, sublinhar a minha «identidade alemã».

No entanto, não é essa a percepção que as pessoas têm quando me perguntam a nacionalidade — o que, de resto, sucede com frequência. Quando lhes respondo «Nasci e cresci na Alemanha...», não é raro seguir-se a observação «Ah, mas não parece nada “alemã”!» ou «E não pensa, apesar de tudo, regressar um dia ao seu país natal?». Ou ainda: «É impossível negar as nossas origens» e «Mas não acha que fazia muito mais falta no Gana com o desemprego que já existe na Alemanha?!» Sou também obrigada a ouvir lições de moral como a seguinte: «Pode dar graças a Deus por ter sido criada no seio de uma família alemã!» Ou então resignar-me com o facto de a mulher do padeiro da esquina insistir em falar comigo num «alemão para estrangeiros», apesar de eu não cometer a menor falha gramatical nas conversas que mantenho com ela.

E, no entanto, consigo bem compreender essas pessoas, tal como compreendo todas as outras que, com os seus conselhos bem-intencionados, elogios e histórias macabras, acabam quase sempre, todas elas, por me ferir e magoar. Também eu aprendi,

na minha infância, a cantar a canção dos «Dez pequenos p...inhos». Também eu gostava de comer «beijinhos p...», apesar de odiar a expressão, pois era o que as outras crianças me chamavam. Também eu joguei ao jogo «Quem tem medo do homem negro?»¹. E quando o meu pai africano me visitou um dia, o que apenas sucedeu uma vez, só tive vontade de fugir dele, como fizeram as outras crianças.

Sim, e também eu utilizo, de modo geralmente irrefletido, a língua alemã, com todas as suas marcas racistas, que são, não raras vezes, dirigidas contra a minha própria pessoa.

Por que razão conto tudo isto agora sobre mim, entrando, de mais a mais, em pormenores tão pessoais? Talvez porque, no grupo de trabalho em que participei durante o fim-de-semana, se tivessem confrontado, uma vez mais, dois grupos distintos, o das mulheres estrangeiras e o das mulheres alemãs. Dantes tinha a sensação de que nunca seria aceite como mulher independente se continuasse a ser confrontada, constantemente, com a seguinte pergunta: «Sentes-te alemã ou africana?» Sou vezes sem

¹ May Ayim enumera vários exemplos de marcas racistas presentes na língua alemã, como a canção infantil «Dez pequenos pretinhos» em que os «pretinhos» vão morrendo ou desaparecendo sucessivamente; a guloseima «beijinho preto» que corresponde à «bomboca», popular em Portugal nos anos oitenta e noventa; e ainda o jogo «Quem tem medo do homem negro?» (em português, corresponderia aproximadamente a «Quem tem medo do bicho-papão?»), um jogo de corrida e captura ao ar livre muito popular na Alemanha, praticado nas aulas de desporto ou em acampamentos de crianças. (N.T.)

conta bombardeada com esta questão, quer por parte de pessoas alemãs quer de africanas, homens ou mulheres, independentemente do seu grau de instrução ou da sua nacionalidade. Também abomino a pergunta: «O teu namorado é branco ou negro?» Gostaria de que tu, que falas comigo ou que possas vir a falar comigo, me avaliasse apenas em função do que eu consigo exprimir e manifestar enquanto mulher, sem que a nacionalidade ou a cor da pele influenciem os teus juízos de valor.

Descobri, pela primeira vez, que não sou a única a acalantar este desejo. Há tantas vítimas de racismo e de xenofobia que vêem a sua identidade posta em causa, para mais se, na sua condição particular de mulher ou de ser exótico, são impedidas de desenvolver as suas aptidões e potencialidades femininas.

Desta experiência retirei o ensinamento de que não me devo esconder ou afastar dos problemas e tomei consciência de que tenho de falar. E também ganhei, neste fim-de-semana, a coragem para escrever um trabalho sobre «xenofobia e racismo» a partir da minha própria experiência e da experiência de tantas outras mulheres.

Gostaria por isso de vos agradecer as simpáticas afinidades e dissonâncias, a disputa que mantive convosco e o conflito interior que vivi comigo própria, na esperança de conhecer ainda muitos outros encontros como aquele que resultou deste congresso.